

# A PSICOLOGIA NO CONTEXTO DA TERMINALIDADE E A QUESTÃO DA ESPIRITUALIDADE

Ully Sâmia de França Moura – Bacharel em Psicologia – FAMAP. E-mail:  
[secretaria@faculdefamap.edu.br](mailto:secretaria@faculdefamap.edu.br)

André Benassuly Arruda – Docente – FAMAP. E-mail:  
profpsi21@faculdefamap.edu.br

Genecy Roberto dos Santos Bachinski – Docente – FAMAP. E-mail:  
genecypsi@hotmail.com

Geny Roberto dos Santos – Docente – FAMAP. E-mail:  
administrativo@faculdefamap.edu.br

Helena Cristina Santos Nascimento – Docente – FAMAP. E-mail:  
administrativo@faculdefamap.edu.br

Josie Rodrigues Vieira – Docente – FAMAP. E-mail:  
administrativo@faculdefamap.edu.br

Marineide Aquino de Souza – Docente – FAMAP. E-mail:  
administrativo@faculdefamap.edu.br

Maria Clara Nascimento Teixeira – Docente – FAMAP. E-mail:  
administrativo@faculdefamap.edu.br

Sinandra Carvalho dos Santos Fernandes – Docente – FAMAP. E-mail:  
administrativo@faculdefamap.edu.br

## RESUMO

A espiritualidade representa um componente essencial da constituição psíquica humana, exercendo influência significativa sobre atitudes, comportamentos e sobre a forma como os indivíduos percebem a dicotomia entre saúde e doença. No contexto da terminalidade, essa dimensão torna-se ainda mais relevante, dada a condição de vulnerabilidade física, emocional e existencial vivenciada pelos pacientes. Objetivo: Este trabalho teve como proposta analisar o papel da espiritualidade no enfrentamento do processo terminal da vida, destacando sua importância para a promoção do bemestar e da qualidade de vida mesmo diante do final dela. Além disso, discute-se a atuação do psicólogo nesse cenário, considerando sua função fundamental na escuta qualificada, no acolhimento das demandas emocionais e existenciais, e na mediação de aspectos espirituais que emergem como parte do sofrimento psíquico. Método: A pesquisa consistiu em uma revisão narrativa da literatura, abrangendo o período de dez anos. Foram incluídos nesta pesquisa artigos

científicos, livros, teses e dissertações, articulando saberes da saúde, psicologia e espiritualidade. Os resultados apontam que a atenção à dimensão espiritual, integrada ao trabalho do psicólogo, contribui de forma significativa para um cuidado mais humanizado, integral e sensível às necessidades subjetivas dos pacientes.

**Palavras-Chave:** Espiritualidade; Psicologia; Saúde mental; Enfrentamento.

## INTRODUÇÃO

A atuação da psicologia hospitalar diante da terminalidade tem ganhado destaque nas últimas décadas por abordar dimensões fundamentais da existência humana, entre elas a espiritualidade. Em situações de fim de vida, é comum que os pacientes enfrentem, além da dor física, questões subjetivas profundas relacionadas à finitude, à busca por sentido e à reconciliação com sua própria história de vida. Segundo Pessini e Bertachini (2021), a espiritualidade emerge como um aspecto relevante do cuidado paliativo, sendo necessária uma escuta atenta, empática e não julgadora por parte dos profissionais de saúde, especialmente dos psicólogos.

Além disso, o suporte psicológico que considera a dimensão espiritual não apenas beneficia o paciente terminal, mas também seus familiares e cuidadores, que vivenciam o luto antecipado e a angústia da despedida. A abordagem integral do sofrimento humano, proposta pela psicologia hospitalar contemporânea, busca contemplar os aspectos biopsicossociais e espirituais do processo de morrer (Cavalcante; Minayo, 2020). A prática clínica nesse contexto demanda do psicólogo não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade cultural e ética para reconhecer e acolher os valores e crenças espirituais do indivíduo. Como destacam Fukumitsu e Kovács (2023), quando respeitada e bem conduzida, a escuta das questões espirituais pode ajudar o paciente a ressignificar sua experiência de morte, contribuindo para uma vivência mais serena e digna de seus últimos momentos. Dessa forma, a presente pesquisa propõe refletir sobre como a espiritualidade pode ser acolhida na prática psicológica hospitalar como parte integrante do cuidado integral.

A presente pesquisa teve como tema “A Psicologia Hospitalar no Contexto da Terminalidade e a Questão da Espiritualidade”, enfocando a relevância da atuação do psicólogo em situações de fim de vida, onde a escuta sensível das dimensões emocionais e espirituais se torna essencial para um cuidado humanizado. Em meio à vivência da terminalidade, pacientes e familiares enfrentam não apenas a dor física e

o sofrimento emocional, mas também questões existenciais profundas que envolvem o sentido da vida, o medo da morte e a necessidade de reconciliação consigo mesmos. Nesse cenário, a espiritualidade — compreendida como uma dimensão subjetiva e não necessariamente religiosa — emerge como um aspecto importante a ser acolhido na prática clínica. A pesquisa busca compreender como a psicologia pode integrar, de forma ética e empática, a escuta e o cuidado com os anseios espirituais, contribuindo para que o processo de morrer seja vivido com maior dignidade e serenidade por pacientes e seus entes queridos (Benites *et al.*, 2022).

Diante da terminalidade, o paciente não vivencia apenas os impactos físicos da doença, mas também enfrenta intensos desafios emocionais, existenciais e espirituais relacionados à aceitação da morte. A proposta deste estudo foi compreender como a psicologia pode atuar de forma integrada, considerando não apenas os aspectos emocionais, mas também os anseios espirituais que emergem nos momentos finais da vida, promovendo um cuidado mais humano, empático e integral (Kübler-RosS, 2008).

Segundo Lucchetti; Lucchetti, (2014) a espiritualidade, muitas vezes confundida com religiosidade, representa uma busca subjetiva por sentido, transcendência e conexão com algo maior, com elementos que se tornam especialmente importantes no processo de morrer. Nesse cenário, a atuação do psicólogo é essencial para acolher as angústias, dúvidas e necessidades espirituais que o paciente pode apresentar, contribuindo para que ele encontre serenidade, dignidade e reconciliação consigo mesmo e com sua trajetória. A abordagem psicológica sensível à espiritualidade permite ao paciente vivenciar o processo de morte de forma menos solitária e angustiante, respeitando sua subjetividade e visão de mundo.

Além disso, os familiares e cuidadores também são profundamente afetados pela vivência da terminalidade. Muitas vezes, experimentam o chamado luto antecipado, marcado por dor emocional, conflitos internos e, em alguns casos, uma intensa busca por sentido diante da perda iminente. A psicologia, ao integrar aspectos espirituais em sua prática, pode oferecer suporte não apenas emocional, mas também existencial, ajudando os familiares a elaborarem suas dores e a se prepararem para o processo de despedida com maior compreensão e acolhimento (Benites *et al.*, 2022).

A importância deste tema também se destaca pela escassez de estudos voltados especificamente à interface entre psicologia e espiritualidade no contexto da doença terminal. Embora os cuidados de suporte tenham ganhado visibilidade e

estrutura nos últimos anos, ainda há pouco aprofundamento sobre como a dimensão espiritual pode ser incorporada de forma ética e sensível pela prática psicológica. Este trabalho pretende contribuir para esse campo, oferecendo reflexões teóricas e práticas que auxiliem psicólogos e demais profissionais de saúde a ampliarem sua escuta e atuação em contextos de finitude.

Por fim, a temática assume relevância social e cultural ao tocar em questões universais como a morte, o sofrimento e a busca por significado. Ao abordar como a psicologia pode dialogar com a espiritualidade de forma respeitosa e empática, esta pesquisa promove uma visão mais acolhedora da terminalidade. Assim, contribui para fortalecer a compreensão de que, mesmo diante da morte, é possível promover cuidado, escuta e dignidade.

Nesse sentido, Moreira-Almeida e Koenig (2022) ressaltam que integrar espiritualidade ao cuidado psicológico não significa promover religiosidade, mas reconhecer as múltiplas formas de conexão com o transcendente que podem oferecer conforto e ressignificação da dor. A pergunta-problema que norteou essa pesquisa foi: Como a espiritualidade pode ser integrada de forma ética e sensível à atuação do psicólogo hospitalar no cuidado a pacientes em fase terminal?

Este trabalho teve como objetivo analisar o impacto da intervenção psicológica tanto no paciente terminal quanto em seus familiares, no processo e na aceitação da morte, destacando a relevância do suporte psicológico, emocional e espiritual durante o processo de morrer. A pesquisa buscou compreender como a presença de um profissional de psicologia pode contribuir para o enfrentamento do sofrimento psicológico e emocional diante da morte iminente, promovendo uma abordagem integral que favoreça tanto o paciente quanto seus entes queridos no processo de despedida.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **PSICOLOGIA HOSPITALAR: CONCEITOS E PRÁTICAS**

A Psicologia Hospitalar é uma especialidade que se dedica ao atendimento psicológico de pacientes hospitalizados, seus familiares e equipes de saúde, com o objetivo de promover a qualidade de vida e o bem-estar emocional.

Conforme a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 13/2007:

[...] campo de atuação que se concentra na compreensão e tratamento

dos aspectos psicológicos relacionados a experiência de adoecimento e hospitalização. A psicologia hospitalar busca auxiliar o paciente

minimizando o sofrimento provocado pela hospitalização, bem como prestar assistência aos familiares e a equipe de saúde.

A Psicologia Hospitalar é uma especialidade que integra conhecimentos científicos e práticos da Psicologia ao contexto hospitalar, visando oferecer assistência psicológica a pacientes, familiares e profissionais de saúde. Essa área atua considerando as dimensões biopsicossociais do indivíduo, buscando compreender e intervir nos aspectos emocionais e comportamentais relacionados ao processo de adoecimento e hospitalização. Segundo Cabral (2003), a Psicologia Hospitalar é um conjunto de contribuições científicas, educativas e profissionais que as várias correntes da psicologia oferecem para prestar uma assistência de maior qualidade aos pacientes hospitalizados. (Cabral, 2003)

As intervenções do psicólogo hospitalar são diversas e adaptadas às necessidades específicas de cada paciente e contexto clínico. Incluem atendimentos individuais e em grupo, psicoterapia breve, intervenções em crises, suporte em unidades de terapia intensiva e acompanhamento em processos de terminalidade e luto. Além disso, o psicólogo atua na promoção da saúde mental, prevenção de agravos psicológicos e na facilitação da adesão ao tratamento médico. Conforme Lima, Silva e Souza (2019), o psicólogo no ambiente hospitalar trabalha de forma interdisciplinar, com o intuito de tornar a atuação das equipes multidisciplinares de saúde mais humanizadas.

O psicólogo hospitalar desempenha um papel fundamental na equipe multidisciplinar, contribuindo com sua expertise para uma abordagem integral do cuidado ao paciente. Sua atuação envolve a facilitação da comunicação entre os membros da equipe, identificação de fatores psicológicos que possam interferir no tratamento e suporte emocional aos profissionais de saúde. Segundo Tonetto e Gomes (2007), o psicólogo precisa auxiliar a equipe de saúde para conscientização da importância do trabalho multidisciplinar, onde poderá ajudar a equipe a entender claramente suas funções, objetivos, facilitar a comunicação entre paciente, familiares e equipe.

A atuação do psicólogo hospitalar exige não apenas conhecimento técnico, mas elevada sensibilidade para intervir em contextos marcados por vulnerabilidade, como nos casos de cuidados paliativos e situações de terminalidade. Inserido em uma lógica

de trabalho interdisciplinar, o psicólogo colabora de forma articulada com médicos, enfermeiros e outros profissionais da equipe de saúde, com o propósito de oferecer suporte psicológico qualificado em momentos de crise e sofrimento. Sua contribuição estende-se à prevenção do adoecimento psíquico, ao fortalecimento dos vínculos afetivos entre pacientes e familiares, bem como à promoção de estratégias de enfrentamento diante dos desafios emocionais, existenciais e relacionais impostos pelo ambiente hospitalar. (Moura 2021).

A prática da Psicologia Hospitalar enfrenta desafios como a resistência de alguns profissionais à integração interdisciplinar, a necessidade de constante atualização técnica e científica, e a gestão de questões éticas complexas. Além disso, o psicólogo deve lidar com a sobrecarga emocional decorrente do contato frequente com o sofrimento humano. De acordo com Tonetto e Gomes (2007), a prática multidisciplinar depende de o psicólogo deslocar o foco da doença em si para uma visão mais integrada do processo saúde-doença, o que implica ser capaz de justificar procedimentos psicológicos de forma clara e objetiva.

No contexto da terminalidade, a psicologia hospitalar tem o importante papel de acolher não apenas o sofrimento emocional, mas também as angústias de natureza existencial e espiritual que afloram diante da proximidade da morte. Sob essa perspectiva, a escuta clínica do psicólogo deve ser conduzida com sensibilidade, empatia e profundo respeito, contemplando os significados que o paciente atribui à vida, à morte e à possibilidade de continuidade da existência. É fundamental que o profissional reconheça e valorize as crenças, os valores e as vivências espirituais de cada indivíduo, sem julgamentos ou interferências doutrinárias. Quando abordada de forma ética e humanizada, a espiritualidade pode se tornar um recurso valioso de enfrentamento, oferecendo alívio emocional, fortalecimento da esperança e oportunidade de reconciliação interior nos momentos finais da trajetória humana. (Elias e Goldin, 2001).

A humanização do atendimento é um princípio fundamental na atuação do psicólogo hospitalar, que busca oferecer um cuidado centrado no paciente, respeitando sua dignidade, valores e necessidades individuais. O acolhimento é uma estratégia que visa estabelecer uma relação de confiança e empatia entre o profissional de saúde e o paciente. Segundo a Política Nacional de Humanização (PNH), o acolhimento é um dispositivo que visa produzir vínculo com os pacientes,

com o intuito de construir um ambiente favorável para compreender as demandas dos usuários que utilizam os serviços de saúde (Brasil, 2006).

A formação do psicólogo hospitalar requer uma sólida base teórica em Psicologia da Saúde, habilidades clínicas específicas para o contexto hospitalar e competências para o trabalho em equipe interdisciplinar. A capacitação contínua é essencial para lidar com as complexidades do ambiente hospitalar e promover intervenções eficazes. Segundo Seidl e Costa (1999), tais dificuldades diminuem quando o psicólogo é pós-graduado, desenvolve atividades de pesquisa e participa de eventos científicos, pois desenvolve maior habilidade no contexto da saúde e conhecimento suficiente para se posicionar com segurança frente à equipe.

### **A TERMINALIDADE DA VIDA: CONCEITOS E ABORDAGENS**

A terminalidade da vida refere-se ao período em que o indivíduo se encontra em fase avançada de uma doença incurável, com perspectiva limitada de sobrevivência e declínio progressivo das funções vitais. Esse momento exige uma abordagem integral que contempla aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais, visando a promoção da qualidade de vida e o alívio do sofrimento. Segundo Souza e Silva (2021), compreender a terminalidade é fundamental para que profissionais da saúde possam atuar com sensibilidade e competência, respeitando a dignidade do paciente e suas necessidades emocionais e existenciais.

Na fase terminal, o paciente frequentemente vivencia um conjunto complexo de emoções, como medo, ansiedade, negação, raiva e tristeza. O acompanhamento psicológico visa proporcionar suporte emocional, facilitar a aceitação da finitude e promover estratégias para o enfrentamento do sofrimento. Conforme Matos e Ferreira (2020), intervenções psicoterapêuticas, como a terapia existencial e o suporte emocional, são essenciais para auxiliar o paciente e seus familiares a lidarem com os aspectos subjetivos da terminalidade, contribuindo para o processo de elaboração do luto antecipatório.

O psicólogo desempenha um papel crucial no cuidado paliativo, atuando para promover o conforto emocional do paciente terminal, minimizar o sofrimento psíquico e fortalecer os recursos internos para a aceitação da morte. Essa atuação também se estende aos familiares, oferecendo suporte para o enfrentamento da perda iminente e auxiliando no processo de luto. De acordo com Pereira e Campos (2019), a integração do psicólogo na equipe multiprofissional potencializa a humanização do

atendimento, possibilitando intervenções que respeitam as singularidades do paciente e promovem o bem-estar global.

A terminalidade da vida envolve importantes dilemas éticos, tais como o respeito à autonomia do paciente, decisões sobre tratamentos fúteis e o direito ao morrer com dignidade. O psicólogo, enquanto membro da equipe de saúde, deve estar atento a esses aspectos, contribuindo para que as decisões sejam pautadas no consentimento informado e na escuta ativa do paciente e familiares. Conforme Amaral e Silva (2022), a ética na terminalidade requer um equilíbrio entre a preservação da vida e a qualidade do cuidado, respeitando valores individuais e culturais.

O suporte familiar e comunitário é essencial para o enfrentamento da terminalidade da vida, proporcionando um ambiente acolhedor e reduzindo o isolamento social do paciente. A atuação psicológica deve incluir orientação e apoio aos familiares, promovendo a comunicação aberta e auxiliando na gestão do sofrimento coletivo. Segundo Oliveira et al. (2023), a promoção de redes de suporte e o fortalecimento dos vínculos sociais contribuem para a resiliência dos envolvidos, impactando positivamente o processo de cuidado e luto.

A maneira como o processo de morrer é compreendido e vivenciado está profundamente influenciada pelos valores culturais, crenças religiosas e práticas sociais. Conforme Ariès (2020), a morte pode ser encarada de modos distintos ao longo da história e nas diferentes sociedades, afetando diretamente o comportamento do moribundo e dos familiares. O psicólogo deve estar atento a essas especificidades para oferecer um cuidado culturalmente sensível e respeitoso.

## **COMPREENDENDO O PROCESSO DE MORRER**

Conforme Ross (2017, p. 10), “Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá.” Partindo destas ideias, o homem tenta a negar o morrer, se sente imortal dentro do seu inconsciente, nunca será pego pela morte, sempre um passo à frente dela, negando a existência do morrer.

O processo de morrer é um fenômeno complexo que envolve dimensões biológicas, psicológicas, sociais e espirituais, configurando-se como uma transição natural da existência humana. Segundo Kübler-Ross (2014), este processo não é apenas o declínio físico, mas também uma experiência subjetiva repleta de significados individuais que requer uma compreensão profunda para o suporte

adequado. A psicologia hospitalar tem papel fundamental ao oferecer suporte emocional e facilitar a expressão dos sentimentos relacionados à finitude.

As reações emocionais durante o processo de morrer são variadas e podem incluir negação, raiva, negociação, depressão e aceitação, conforme descrito pelo modelo clássico de Kübler-Ross. Contudo, pesquisas recentes indicam que essas fases não ocorrem de forma linear, podendo se manifestar simultaneamente ou em ordens diferentes, refletindo a singularidade do sofrimento de cada indivíduo (Corr, 2018). A intervenção psicológica deve, portanto, ser flexível e centrada na escuta ativa para acolher as diversas formas de enfrentamento.

A atuação do psicólogo no processo de morrer é focada na promoção da qualidade de vida, no suporte emocional e no acolhimento dos sentimentos e desejos do paciente terminal. Além disso, o psicólogo contribui para o manejo do sofrimento existencial e o suporte à família, preparando-a para o luto. Segundo Hudson et al. (2021), o cuidado psicológico integrado ao cuidado paliativo é fundamental para humanizar o fim da vida, proporcionando conforto e dignidade ao paciente e seus entes queridos.

O ato de morrer constitui uma vivência intensamente pessoal, marcada por dimensões emocionais, mentais, sociais e espirituais. Conforme apontado por Saunders (1991), referência no campo dos cuidados paliativos, a morte não deve ser vista unicamente como um fenômeno biológico, mas como uma experiência complexa que envolve o chamado sofrimento total. Esse sofrimento engloba não apenas a dor física, mas também os impactos emocionais, sociais e espirituais provocados pela perda gradual da independência, dos vínculos afetivos e, por fim, da própria existência. Dessa forma, compreender esse processo exige sensibilidade para acolher as inquietações existenciais que emergem diante da proximidade da morte.

Durante esse percurso, é comum que emergjam questionamentos profundos sobre o propósito da vida, os laços afetivos e temas ligados à espiritualidade e transcendência. Segundo Saunders (1991), à medida que a morte se aproxima, muitos pacientes sentem a necessidade de ressignificar sua trajetória, buscar reconciliações e atribuir um novo sentido à própria existência. Isso evidencia que o processo de morrer vai além da dor física, envolvendo um enfrentamento que mobiliza aspectos emocionais e espirituais. Nesse contexto, o acompanhamento psicológico torna-se essencial para oferecer suporte e facilitar a elaboração desse momento tão singular.

O conceito de *dor total*, desenvolvido por Cicely Saunders em 1991, amplia a compreensão da dor para além do aspecto físico, considerando-a como uma experiência multidimensional que abrange o sofrimento emocional, social, psicológico e espiritual. Segundo essa perspectiva, quando um indivíduo se encontra em processo de terminalidade, sua dor não se limita às sensações corporais, mas também reflete medos, angústias, preocupações com a família, questões não resolvidas e conflitos existenciais. A dor se torna, portanto, uma manifestação complexa do impacto que a finitude exerce sobre a pessoa, exigindo uma abordagem de cuidado que contemple todas essas esferas de forma integrada e humanizada.

## **ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO HOSPITALAR**

A espiritualidade é compreendida como uma dimensão intrínseca do ser humano que envolve a busca por sentido, conexão com algo maior e a construção de valores transcendentais. No contexto hospitalar, essa dimensão assume papel fundamental na promoção do bem-estar integral, atuando como recurso para o enfrentamento de doenças e adversidades. Segundo Puchalski et al. (2019), a integração da espiritualidade no cuidado à saúde contribui para a melhoria da qualidade de vida, auxiliando pacientes a encontrarem esperança e significado mesmo diante do sofrimento.

A espiritualidade está associada a efeitos positivos no estado emocional dos pacientes, como redução da ansiedade, depressão e estresse, além de proporcionar maior resiliência diante das adversidades. De acordo com Koenig (2020), a prática espiritual pode atuar como um fator protetor, promovendo estratégias de enfrentamento eficazes e fortalecendo a saúde mental durante o processo de doença. Isso ressalta a importância do reconhecimento e da valorização da espiritualidade nas intervenções psicológicas em contextos clínicos.

A abordagem terapêutica que incorpora a espiritualidade possibilita a ampliação do cuidado, contemplando aspectos subjetivos e existenciais do paciente.

A atuação do psicólogo inclui a escuta sensível das crenças e valores espirituais, favorecendo um espaço de acolhimento que respeita a individualidade. Segundo Delgado e Siqueira (2021), a integração da espiritualidade nas práticas clínicas contribui para a construção de um vínculo terapêutico sólido e para a promoção de significados que potencializam a recuperação e a aceitação da condição de saúde.

Apesar dos benefícios reconhecidos, a inserção da espiritualidade no contexto clínico ainda enfrenta desafios, como a falta de preparo dos profissionais e o receio de invadir a esfera privada do paciente. Conforme Silva *et al.* (2022), é necessário o desenvolvimento de competências específicas para a abordagem espiritual, com formação adequada e ética, garantindo que o cuidado seja inclusivo e respeite a diversidade cultural e religiosa dos indivíduos. Esse preparo é essencial para evitar conflitos e promover um atendimento humanizado.

A inclusão da espiritualidade no cuidado à saúde representa uma abordagem holística que considera o ser humano em sua totalidade, contribuindo para a promoção da saúde integral. Essa perspectiva fortalece a relação terapêutica e promove a autonomia do paciente, respeitando suas crenças e valores na construção do processo terapêutico. Segundo Ko *et al.* (2023), o reconhecimento da espiritualidade como um componente essencial do cuidado tem impacto positivo na satisfação do paciente e na efetividade dos tratamentos.

## **A PSICOLOGIA E A ESPIRITUALIDADE NA TERMINALIDADE**

A espiritualidade na terminalidade é um componente essencial para o cuidado integral do paciente em fase final de vida, pois oferece suporte existencial e auxilia na construção de sentido diante da finitude. Estudos recentes indicam que a espiritualidade contribui significativamente para a redução do sofrimento emocional e para a promoção da paz interior, sendo um recurso valioso para enfrentar o processo de morrer (Balboni *et al.*, 2020). A psicologia, portanto, deve integrar essa dimensão na prática clínica para proporcionar um acolhimento mais completo e humanizado.

O psicólogo desempenha papel fundamental na identificação e valorização das necessidades espirituais do paciente terminal, auxiliando-o na elaboração de sentimentos como medo, culpa e esperança. Segundo Lopes e Moreira (2021), a escuta empática e a facilitação do diálogo sobre questões espirituais e existenciais promovem o fortalecimento da resiliência e a melhora da qualidade de vida, ampliando a capacidade do indivíduo de enfrentar a morte com maior serenidade.

A espiritualidade também exerce um papel importante no enfrentamento do luto, tanto para o paciente quanto para seus familiares. Conforme Santos *et al.* (2022), a dimensão espiritual oferece um suporte simbólico que ajuda na elaboração da perda, proporcionando conforto emocional e facilitando o processo de aceitação. A

intervenção psicológica que considera essa dimensão contribui para a minimização do sofrimento e a construção de novos significados diante da ausência.

A abordagem da espiritualidade na psicologia da terminalidade impõe desafios éticos relacionados à pluralidade de crenças e ao respeito à autonomia do paciente. Segundo Oliveira e Martins (2023), é imprescindível que o psicólogo mantenha uma postura não dogmática, promovendo um espaço seguro para a expressão das diferentes formas de espiritualidade, sem imposições ou julgamentos. Esse cuidado ético fortalece a confiança na relação terapêutica e assegura um atendimento respeitoso e inclusivo.

A integração da psicologia e espiritualidade nos cuidados paliativos representa uma abordagem holística que reconhece a complexidade do sofrimento na terminalidade. De acordo com Mendes *et al.* (2021), a atuação interdisciplinar que contempla essas dimensões favorece o alívio do sofrimento físico, emocional e espiritual, promovendo a dignidade e a qualidade de vida do paciente. A psicologia, assim, contribui para um cuidado mais humanizado, ampliando as possibilidades terapêuticas no contexto da terminalidade.

## **O PAPEL DO PSICÓLOGO NA PROMOÇÃO DO CUIDADO HUMANIZADO**

O psicólogo desempenha um papel fundamental na promoção do cuidado humanizado, pois contribui para a construção de uma prática clínica centrada no respeito à dignidade e à singularidade do paciente. Essa abordagem valoriza a escuta ativa e o acolhimento integral das necessidades emocionais e psicológicas. Segundo Silva (2021), "o cuidado humanizado é essencial para garantir que o paciente seja tratado como sujeito de direitos, e não apenas como objeto de tratamento" (p. 45). Assim, o psicólogo atua como agente facilitador de processos que promovem a empatia e a sensibilidade no atendimento.

A escuta terapêutica, realizada pelo psicólogo, é um dos principais instrumentos para o estabelecimento de uma relação de confiança com o paciente, elemento indispensável ao cuidado humanizado. Conforme destaca Oliveira (2022), "a escuta ativa promove a construção de vínculos que permitem ao paciente expressar suas angústias e receber suporte emocional adequado" (p. 78). Esse vínculo fortalece o processo terapêutico e contribui para a satisfação e o bem-estar do paciente durante o tratamento.

O cuidado humanizado envolve a promoção da autonomia do paciente, respeitando suas decisões e valores pessoais. O psicólogo contribui para esse processo ao apoiar o desenvolvimento da capacidade de escolha consciente e responsável. De acordo com Santos e Lima (2020), "a valorização da autonomia é um princípio ético que deve guiar toda prática clínica, garantindo que o paciente seja protagonista de seu cuidado" (p. 112). Essa postura favorece a construção de um ambiente terapêutico colaborativo e respeitoso.

O psicólogo, ao atuar na promoção do cuidado humanizado, deve articular-se com outros profissionais da saúde, integrando ações e compartilhando saberes para o atendimento global do paciente. Conforme argumenta Ferreira (2023), "a interdisciplinaridade é fundamental para que o cuidado humanizado seja efetivo, pois permite o entendimento das múltiplas dimensões do sofrimento humano" (p. 66). Essa cooperação potencializa a qualidade do serviço prestado e favorece a integralidade do cuidado.

Para promover o cuidado humanizado, o psicólogo precisa desenvolver competências emocionais e éticas que possibilitem o atendimento sensível e respeitoso. A autorreflexão e o autoconhecimento são ferramentas imprescindíveis para evitar preconceitos e garantir a imparcialidade. Segundo Almeida (2021), "a formação contínua e o desenvolvimento pessoal do psicólogo são essenciais para a prática humanizada, assegurando uma postura ética e empática frente ao paciente" (p. 89).

A atividade do psicólogo na promoção do cuidado humanizado tem impacto direto na qualidade do atendimento, contribuindo para a satisfação do paciente e para a efetividade dos tratamentos. Estudos indicam que ambientes que valorizam a humanização apresentam melhores resultados em termos de adesão terapêutica e bem-estar emocional (Moraes et al., 2022). Assim, o psicólogo é peça-chave para a transformação dos serviços de saúde em espaços mais acolhedores e eficazes.

A comunicação eficaz entre o paciente, familiares e equipe multiprofissional é essencial para garantir um cuidado humanizado durante o processo de morrer. Segundo Back et al. (2019), a transparência, o diálogo aberto e o acolhimento das dúvidas e medos contribuem para reduzir a angústia e promover o conforto emocional. O psicólogo desempenha papel-chave ao mediar essas interações, auxiliando na elaboração dos sentimentos e na preparação para a finitude.

## **ASPECTOS LEGAIS E ÉTICOS NA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO COM PACIENTES TERMINAIS**

A atuação do psicólogo junto a pacientes em fase terminal está respaldada por normativas legais que asseguram o direito à assistência integral e humanizada. A Lei nº 13.935/2019, que regulamenta a atuação do psicólogo no Sistema Único de Saúde (SUS), destaca a importância da abordagem multidisciplinar e do cuidado ético em todas as fases do tratamento, incluindo a terminalidade. Conforme dispõe o artigo 2º da referida lei, "a atuação do psicólogo é fundamental para o suporte emocional e para o acolhimento do sofrimento psíquico dos pacientes" (BRASIL, 2019, p. 3). Essa base legal orienta a prática profissional dentro dos parâmetros éticos e técnicos exigidos.

O Código de Ética Profissional do Psicólogo (2018) estabelece princípios fundamentais que norteiam o cuidado a pacientes terminais, ressaltando o respeito à dignidade, autonomia e confidencialidade. Segundo o código, "o psicólogo deve assegurar que sua atuação respeite as singularidades e decisões do paciente, promovendo a humanização do atendimento" (Conselho Federal de Psicologia, 2018, art. 2º, inciso V). Essa orientação ética é essencial para garantir que o tratamento psicológico seja realizado com sensibilidade e responsabilidade, especialmente em situações delicadas como a terminalidade.

O consentimento livre e esclarecido é um princípio legal e ético indispensável na atuação do psicólogo, principalmente com pacientes terminais que podem estar fragilizados emocionalmente. Conforme destaca Costa (2022), "assegurar que o paciente compreenda os objetivos, métodos e possíveis consequências da intervenção psicológica é uma obrigação ética e legal que reforça a autonomia e o protagonismo do sujeito" (p. 134). A documentação adequada desse consentimento é prática recomendada para evitar conflitos éticos e legais.

O sigilo profissional é um princípio ético fundamental para a confiança na relação entre psicólogo e paciente, sobretudo em contextos de terminalidade, onde informações sensíveis são compartilhadas. Conforme o Conselho Federal de Psicologia (2018), "o psicólogo deve resguardar o sigilo profissional, exceto em situações previstas em lei que justifiquem a quebra do sigilo, sempre pautando-se pela ética e proteção ao paciente" (art. 8º). A manutenção do sigilo reforça o vínculo terapêutico e protege os direitos do paciente.

O quadro comparativo a seguir apresenta uma análise dos principais aspectos éticos e legais que orientam a atuação do psicólogo com pacientes em situação de terminalidade, tanto no Brasil quanto no exterior (Quadro 1).

**Quadro 1** – Quadro comparativo dos aspectos éticos e legais da atuação do psicólogo com pacientes terminais no Brasil e no exterior, baseada nos parágrafos e autores atuais mencionados anteriormente.

Aspectos	Brasil	Exterior (EUA / Europa)
Base Legal	Lei nº 13.935/2019 regulamenta atuação do psicólogo no SUS, incluindo suporte a pacientes terminais. (BRASIL, 2019)	Nos EUA, a atuação é regulamentada por leis estaduais e federais, incluindo HIPAA para privacidade; na Europa, a GDPR regula dados sensíveis. (American Psychological Association, 2021; European Commission, 2018)
Código de Ética	Código de Ética Profissional do Psicólogo (2018) enfatiza dignidade, autonomia, confidencialidade (CFP, 2018).	Código da APA (2017) e da BPS (British Psychological Society, 2018) reforçam respeito à autonomia e confidencialidade
Consentimento Livre e Esclarecido	Obrigatório, documentado, reforça autonomia do paciente (COSTA, 2022).	Também obrigatório; inclui consentimento informado detalhado e direito de recusa; regulamentado por comitês de ética.
Sigilo Profissional	Preservação do sigilo, exceto em casos legais, como risco iminente (CFP, 2018)	Estrito, com exceções legais; ênfase no sigilo sob leis como HIPAA (EUA) e GDPR (Europa).
Desafios Éticos	Mediação entre respeito às escolhas do paciente e suporte emocional à família (OLIVEIRA & PEREIRA, 2023).	Enfrentam dilemas semelhantes, com maior enfoque em decisões de fim de vida assistido e protocolos éticos específicos (Kübler-Ross Foundation, 2020).

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

Se destaca elementos como a base legal, códigos de ética, consentimento livre e esclarecido, sigilo profissional e desafios éticos enfrentados na prática clínica. A comparação evidencia semelhanças nos princípios norteadores da profissão, como o respeito à autonomia, à dignidade e à confidencialidade do paciente, ao mesmo tempo em que aponta especificidades normativas entre os contextos nacionais e internacionais. A fundamentação foi elaborada com base em legislações vigentes e referências atualizadas de autores e instituições reconhecidas na área da psicologia e bioética.

Por fim, a atuação do psicólogo na terminalidade envolve desafios éticos relacionados à tomada de decisões complexas, como o acompanhamento ao paciente diante do sofrimento intenso e do luto. Segundo Oliveira e Pereira (2023), "o psicólogo deve atuar como mediador ético, respeitando as escolhas do paciente e da família, ao mesmo tempo em que oferece suporte para o enfrentamento das questões existenciais" (p. 92). Essa atuação exige preparo técnico e ético para lidar com dilemas frequentes na prática clínica.

### **A COMUNICAÇÃO ENTRE A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO ACOLHIMENTO DA ESPIRITUALIDADE EM PACIENTES TERMINAIS**

No ambiente hospitalar, particularmente diante de situações relacionadas ao fim da vida, a comunicação entre os profissionais da equipe multidisciplinar assume um papel essencial para assegurar um cuidado integral que inclua, de maneira respeitosa e sensível, a dimensão espiritual do paciente. A efetividade na troca de informações contribui para a definição de condutas adequadas e para o alinhamento das abordagens voltadas às necessidades espirituais, minimizando possíveis conflitos e fortalecendo uma assistência centrada na humanização do cuidado. (Silva et al., 2019).

É igualmente fundamental que todos os integrantes da equipe de saúde, incluindo psicólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, capelães, entre outros, estejam devidamente capacitados para tratar da espiritualidade com sensibilidade, ética e acolhimento. Evidências científicas indicam que deficiências na comunicação podem intensificar o sofrimento do paciente e de seus familiares, sobretudo quando não há um entendimento comum sobre a maneira mais apropriada de abordar as questões existenciais que se intensificam no contexto do fim da vida (Farias et al., 2020).

O diálogo colaborativo entre os profissionais de saúde contribui significativamente para a elaboração de um plano terapêutico que considere, além das necessidades físicas, os valores pessoais, as crenças e a dimensão espiritual do paciente e de seus familiares. Quando essa comunicação ocorre de forma clara, aberta e bem organizada, ela favorece a coesão da equipe em torno do objetivo comum de proporcionar um cuidado verdadeiramente integral. (Moraes et al., 2022).

Nesse contexto, a qualificação da equipe de saúde em competências comunicativas revela-se essencial para o cuidado centrado na pessoa. A escuta ativa

e empática, aliada à ausência de julgamentos, favorece o estabelecimento de vínculos terapêuticos eficazes e humanizados. Além disso, essas habilidades facilitam a tomada de decisões compartilhadas entre profissionais, pacientes e familiares, promovendo maior participação do paciente no processo de cuidado e contribuindo para a melhoria da qualidade dos atendimentos. (Santos & Oliveira, 2022).

Estudos recentes evidenciam que a inclusão da dimensão espiritual no contexto hospitalar requer uma comunicação eficaz, além da criação de espaços institucionais formais que possibilitem a abordagem desse tema. Tais espaços podem se concretizar por meio de reuniões interdisciplinares, supervisões clínicas ou da implementação de protocolos específicos que orientem a prática profissional nesse âmbito. Contudo, ainda há desafios relacionados à capacitação dos profissionais e à institucionalização dessas práticas, o que requer esforços contínuos para promover um cuidado integral e humanizado (Souza, Souza e Slomp, 2020).

A harmonia na comunicação entre os membros da equipe multidisciplinar revela-se fundamental para proporcionar um suporte sólido e empático ao paciente e seus familiares, contribuindo para a mitigação das angústias inerentes ao processo de terminalidade. Esse alinhamento transcende os aspectos técnicos das opções terapêuticas, englobando diálogos que valorizam os princípios, crenças, espiritualidade e os desejos manifestados pelo paciente, sobretudo nos momentos finais de vida (Oliveira, Santos e Almeida, 2020).

O desenvolvimento de uma cultura organizacional que valorize a espiritualidade como componente essencial do cuidado exige mais do que a mera implementação de protocolos. É necessário fomentar um ambiente fundamentado na escuta empática, no respeito mútuo e na colaboração entre os profissionais de saúde. Essa abordagem integrada propicia que o cuidado espiritual não seja responsabilidade exclusiva do psicólogo, mas uma prática coletiva e compartilhada, promovendo assim um atendimento mais humanizado e integral (Gomes de Oliveira Neto, 2022).

Portanto, assegurar uma comunicação eficaz entre os profissionais de saúde representa um fator fundamental para a oferta de um cuidado que contemple a integralidade do ser humano, particularmente nas fases que antecedem a morte. A falta de alinhamento nesse aspecto pode resultar em deficiências no atendimento às necessidades espirituais, comprometendo a qualidade da assistência prestada e impactando negativamente o conforto e a dignidade do paciente no final da vida. (Souza e Lopes, 2021).

## **METODOLOGIA**

### **TIPO DE PESQUISA**

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar e compreender as principais intervenções psicológicas aplicadas a pacientes em processo de terminalidade, considerando a importância da espiritualidade como elemento relevante no cuidado psicológico e no enfrentamento do processo de morrer.

Tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, voltada à análise de produções científicas que abordem a atuação do psicólogo em contextos de fim de vida, bem como a integração entre aspectos emocionais, espirituais e existenciais no cuidado com pacientes terminais. Segundo Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica permite o levantamento, seleção e análise crítica de materiais já publicados, sendo especialmente útil em estudos que visam aprofundar conhecimentos teóricos e sistematizar discussões acadêmicas relevantes.

### **INSTRUMENTOS PARA COLETAS DE DADOS**

A coleta de dados foi realizada por meio de uma revisão de literatura especializada, abrangendo livros, artigos e periódicos científicos, dissertações, teses e demais publicações acadêmicas. Para essa finalidade, foram utilizadas plataformas reconhecidas pela relevância e credibilidade na divulgação do conhecimento científico, como o SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e PsycINFO (APA – American Psychological Association). Esses repositórios digitais possibilitaram o acesso a fontes atualizadas, abrangendo publicações no período de 2014 a 2024, o que garantiu a contemporaneidade e a pertinência das informações coletadas para a fundamentação teórica do estudo. Foram priorizadas fontes das áreas da psicologia da saúde, psicologia hospitalar e espiritualidade. A fim de se obter um resultado satisfatório, determinou-se a empregabilidade de alguns critérios específicos.

#### **Critérios de inclusão**

Formato de pesquisa em artigo e revistas científicas, teses, livros acadêmicos, dissertações e publicações de organismos oficiais (como a OMS);

Texto nos idiomas: Português e inglês;

Período de publicação: Foram priorizadas obras publicadas nos últimos dez anos, a fim de garantir a atualidade e a relevância das informações apresentadas;

Relevância: Contribuição para a discussão acerca da psicologia hospitalar e espiritualidade

### **Critérios de exclusão**

Resumos e artigos de eventos e fontes não acadêmicas;

Trabalhos que não estejam disponíveis integralmente para leitura ou acesso

Materiais em idiomas que a autora não possui proficiência, dificultando a análise do conteúdo;

Produções acadêmicas publicadas há mais de dez anos, salvo quando consideradas clássicas ou fundamentais para a compreensão histórica do tema;

Fuga a temática proposta.

### **Critérios Éticos**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão e análise crítica de materiais já publicados sobre o tema. Por se tratar exclusivamente de análise documental e não envolver seres humanos diretamente, esta pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, conforme a Resolução CNS nº 510/2016, que dispensa essa obrigatoriedade para estudos sem participação direta de sujeitos humanos (Brasil, 2016)

### **MÉTODO DE ANÁLISE**

A análise dos dados obtidos na presente pesquisa foi conduzida por meio da abordagem metodológica de meta-síntese, cuja aplicação e fundamentos serão especificados a seguir.

#### **Meta-Síntese**

A análise dos dados obtidos na presente pesquisa foi conduzida por meio da abordagem metodológica de meta-síntese, que consiste na sistematização, interpretação e integração de resultados de estudos qualitativos previamente publicados, com o intuito de produzir novas compreensões teóricas sobre o fenômeno

investigado. Diferente da meta-análise, que trabalha com dados quantitativos, a metassíntese permite uma leitura aprofundada e reflexiva das experiências e significados presentes nas pesquisas selecionadas.

De acordo com Sampaio e Mancini (2021), a meta-síntese é especialmente adequada em revisões bibliográficas de natureza qualitativa, pois proporciona uma interpretação crítica e integrada dos achados, respeitando a complexidade dos dados subjetivos. Dessa forma, a escolha desse tipo de análise justifica-se pela necessidade de compreender, de maneira abrangente e sensível, a atuação do psicólogo hospitalar frente à terminalidade e à espiritualidade, considerando a multiplicidade de olhares presentes na literatura científica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização deste estudo, foi realizada uma revisão da literatura com dez artigos respeitando os critérios de inclusão e exclusão propostos na metodologia, com foco na análise de dez publicações científicas que abordam a relevância da integração da espiritualidade no cuidado a pacientes em situação de terminalidade, no contexto hospitalar. A seleção dos trabalhos considerou estudos empíricos, que investigam como a validação das dimensões espirituais pode influenciar positivamente a qualidade da assistência prestada no fim da vida. Os trabalhos analisados encontram-se sistematizados no quadro 2, a seguir, com destaque para os principais achados e contribuições de cada pesquisa.

**Quadro 2** – Relação dos artigos relacionados ao tema em estudo.

AUTOR E ANO	TÍTULO DA OBRA	METODOLOGIA APLICADA	OBJETIVO PRINCIPAL
Batista, H. S. H. (2023)	Práticas psicológicas, terminalidade e fim de vida: uma compreensão existencial da experiência de psicólogos	Pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológicohermenêutica	Compreender a experiência de psicólogos hospitalares que atuam com pacientes em terminalidade, analisando como vivenciam o processo de morte no contexto hospitalar.
Barbosa, R. M. de M. et al. (2017)	A espiritualidade como estratégia de enfrentamento para familiares de pacientes adultos em Cuidados Paliativos	Estudo qualitativo realizado no Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP), com coleta de dados entre janeiro e março de 2016, analisando experiências de suporte espiritual entre familiares de pacientes em cuidados paliativos.	Compreender como os familiares de pacientes adultos em cuidados paliativos expressam suas experiências de suporte espiritual, visando aliviar o sofrimento e promover qualidade de vida

Mendes, L. T.; Andrade, A. M. M. (2022)	A Influência da Espiritualidade Diante da Terminalidade e da Morte no Trabalho Cotidiano em Saúde	Revisão de literatura	Refletir sobre como a espiritualidade impacta profissionais de saúde diante da dor, do adoecer e da morte, contribuindo para práticas mais sensíveis e humanizadas.
Hefti, R. (2018)	Integrando Religião e Espiritualidade no cuidado em saúde mental, na Psiquiatria e na Psicoterapia	Estudo de revisão teórica e integrativa de literatura científica internacional sobre espiritualidade, saúde mental e psicoterapia	Analisar a inserção ética e efetiva da espiritualidade e religiosidade no cuidado em saúde mental.
Souza, D. C.; Carvalho, P. P.; ScorsoliniComin, F. (2020)	A religiosidade/espiritualidade no contexto hospitalar: reflexões e dilemas a partir da prática profissional	Relato de experiência profissional baseado em atendimentos psicológicos no contexto hospitalar, abordando a incorporação da religiosidade/espiritualidade (R/E) no cuidado em saúde	Refletir sobre desafios enfrentados por psicólogos ao lidar com a dimensão espiritual dos pacientes no ambiente hospitalar, destacando a importância de um acolhimento que considere as crenças e valores dos pacientes.
Silva, C. G.; Nunes,	A Psicologia e os Cuidados Paliativos no Contato com a	Revisão integrativa da literatura, com levantamento de	Compreender como a psicologia, no contexto dos cuidados paliativos, tem se
<b>AUTOR E ANO</b>	<b>TÍTULO DA OBRA</b>	<b>METODOLOGIA APLICADA</b>	<b>OBJETIVO PRINCIPAL</b>
M. A. (2022)	Espiritualidade: Uma Revisão Integrativa	artigos em bases científicas entre 2012 e 2022	relacionado com a dimensão espiritual dos pacientes em fase terminal, apontando contribuições e desafios
Soares, L. C. dos R.; Almeida Machado, A. C. (2023)	A Psicologia Hospitalar na Terminalidade da Vida: Um Estudo de Revisão	Revisão integrativa da literatura	Investigar como a psicologia hospitalar aborda a terminalidade, destacando intervenções psicológicas e o suporte emocional e espiritual aos pacientes terminais.
Arrieira, I. C. O. et al. (2018)	Espiritualidade e o processo de morrer: reflexões de uma equipe interdisciplinar de cuidados paliativos	Pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais de uma equipe interdisciplinar de cuidados paliativos, utilizando análise de conteúdo.	Compreender as percepções e reflexões de uma equipe interdisciplinar de cuidados paliativos acerca da espiritualidade no processo de morrer, destacando a importância dessa dimensão no cuidado integral.
Elias, A. C. A.; Giglio, J. S. (2021)	A Questão da Espiritualidade na Realidade Hospitalar: O Psicólogo e a Dimensão Espiritual do Paciente	Estudo teórico com pesquisa bibliográfica	Discutir a importância da espiritualidade na atuação do psicólogo hospitalar, especialmente no cuidado de pacientes em processo de terminalidade.

<p>Aguiar, B. F.; Silva, J. P. (2021)</p>	<p>Psicologia, espiritualidade/religiosidade e cuidados paliativos: uma revisão integrativa</p>	<p>Revisão integrativa da literatura.</p>	<p>Analisar produções científicas que discutem as interfaces entre psicologia e espiritualidade/religiosidade no contexto de cuidados paliativos, destacando a importância da dimensão espiritual no cuidado integral ao paciente.</p>
---	---	---	--

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

De modo geral, os resultados encontrados a partir dos artigos pesquisados apontam que a espiritualidade é percebida como um componente fundamental no cuidado psicológico de pacientes hospitalizados em fase terminal. Essa dimensão tem influência direta na forma como os indivíduos enfrentam o sofrimento, lidam com questões existenciais e administram as emoções diante da proximidade da morte. No entanto, embora haja reconhecimento crescente da importância dessa abordagem, ainda é comum que psicólogos relatem dificuldades para atuar diante de demandas espirituais. Ainda se observa que muitos psicólogos enfrentam desafios para incorporar essa dimensão em sua prática clínica. Isso ocorre, em grande medida, devido à ausência de uma formação acadêmica estruturada que contemple a espiritualidade como componente essencial do cuidado, bem como à inexistência de protocolos específicos que orientem essa abordagem nas instituições de saúde, como destacado por Hefti (2018).

Além disso, os dados reforçam que a atuação da psicologia no contexto hospitalar deve ir além do atendimento às demandas emocionais, considerando também as dimensões espirituais dos pacientes. Nesse sentido, torna-se imprescindível que o psicólogo desenvolva uma escuta sensível e integral, capaz de acolher aspectos existenciais e transcendentais que emergem especialmente em situações de terminalidade, conforme destacam Elias e Giglio (2021), ignorar essa dimensão pode gerar impactos negativos, como aumento da angústia, sofrimento psíquico e sensação de abandono existencial, sobretudo em pacientes que estão diante da finitude.

Segundo dados obtidos nessa pesquisa, no artigo escrito por Hefti (2018) há uma dificuldade significativa na incorporação da espiritualidade como parte efetiva do plano terapêutico no contexto hospitalar. Essa limitação torna-se ainda mais acentuada quando não há uma comunicação clara e articulada entre os profissionais que compõem a equipe multidisciplinar. Conforme apontado por ele, a ausência dessa

integração comunicativa pode levar à negligência ou ao tratamento superficial das necessidades espirituais dos pacientes, comprometendo, assim, a efetivação de um cuidado verdadeiramente integral.

Por outro lado, quando a dimensão espiritual é considerada de forma ética, qualificada e sensível no contexto do cuidado psicológico, observa-se um impacto positivo na qualidade da assistência prestada. A pesquisa de Silva e Nunes (2022) demonstra que pacientes que se sentem acolhidos em suas crenças e valores espirituais tendem a apresentar menor sofrimento emocional, maior aceitação da terminalidade e uma vivência mais tranquila do processo de morte. Além disso, o estudo destaca que um suporte espiritual bem conduzido favorece o fortalecimento dos laços familiares e contribui para uma abordagem mais saudável do luto iminente por parte dos familiares.

A ausência de um preparo institucional adequado sobre a temática da espiritualidade gera insegurança não apenas entre os psicólogos, mas em toda a equipe de saúde. Conforme apontam Aguiar e Silva (2021), apesar do reconhecimento da relevância da espiritualidade no contexto hospitalar, muitos profissionais relatam dificuldades práticas para abordar essas questões, motivadas tanto pela falta de conhecimento específico quanto pelo receio de ultrapassar limites éticos ou religiosos.

Outro aspecto importante identificado refere-se ao impacto positivo do acolhimento das angústias espirituais dos pacientes em fase terminal. Conforme Arriera (2018), quando esses pacientes sentem-se verdadeiramente ouvidos em suas preocupações espirituais, eles conseguem elaborar de maneira mais profunda questões relacionadas ao sentido da vida, ao perdão, ao legado e à transcendência. Esse processo contribui significativamente para a melhora da saúde mental e para um enfrentamento mais sereno do processo de morrer.

Entretanto a análise dos artigos selecionados evidencia que, apesar dos avanços nas discussões teóricas, permanece a necessidade de aprimorar a formação dos psicólogos que atuam em ambiente hospitalar no que se refere à abordagem das questões espirituais. Além disso, é fundamental fomentar uma cultura institucional que valorize o cuidado integral, integrando corpo, mente e espírito. Nesse sentido, Héfti (2018) destaca a urgência de uma mudança cultural tanto nas instituições de saúde quanto nos cursos de psicologia, para que a espiritualidade deixe de ser tratada como um tema marginal e passe a ser reconhecida como elemento essencial do cuidado psicológico no contexto da terminalidade.

A análise dos estudos selecionados evidência que a espiritualidade, quando incorporada ao atendimento psicológico em contextos hospitalares, se revela como um recurso fundamental para o enfrentamento do sofrimento existencial, especialmente entre pacientes em fase terminal. Contudo, apesar do crescente reconhecimento da relevância dessa abordagem, persistem lacunas significativas na formação dos profissionais e nas práticas institucionais, o que aponta para um descompasso entre o conhecimento teórico disponível e sua efetiva aplicação clínica.

A abordagem da espiritualidade no contexto hospitalar vai além de um discurso religioso, tratando-se do reconhecimento da dimensão subjetiva que envolve a busca por sentido, significado e transcendência, sobretudo em situações de terminalidade. De acordo com Elias e Giglio (2021), pacientes em fase terminal frequentemente enfrentam questões profundas relacionadas ao medo da morte, arrependimentos e à necessidade de reconciliação consigo mesmo, com outras pessoas e, muitas vezes, com sua própria espiritualidade.

Nesse contexto, observa-se que o papel do psicólogo hospitalar vai além da escuta das questões emocionais, sendo necessário incorporar também os aspectos existenciais e espirituais como componentes essenciais do cuidado integral. Pesquisas, como a de Silva e Nunes (2022), reforçam essa visão ao evidenciar que o suporte psicológico que atende às demandas espirituais dos pacientes contribui significativamente para a redução do sofrimento psíquico e para a melhoria da qualidade de vida, mesmo frente à proximidade da morte.

Por outro lado, a revisão da literatura também evidencia que a falta de preparo adequado e a inexistência de protocolos claros para o atendimento das demandas espirituais constituem um desafio significativo. Segundo Hefti (2018), muitos psicólogos relatam insegurança ao abordar essa dimensão, motivada tanto pelo receio de interferir nas crenças pessoais dos pacientes quanto pela carência de conhecimento teórico e prático sobre como conduzir essas questões no ambiente hospitalar.

Outro aspecto relevante apontado pelos estudos é a necessidade de uma comunicação eficaz entre os integrantes da equipe multiprofissional no manejo das questões espirituais. Quando a espiritualidade é abordada isoladamente por determinados profissionais, existe o risco de que essa dimensão seja tratada de maneira superficial. Conforme destacado por Soares (2023), é imprescindível que haja um alinhamento entre toda a equipe que assiste o paciente, para que o cuidado

integral que contempla a espiritualidade seja realizado de forma ética, respeitosa e eficaz.

Além disso, a pesquisa de Arrieira (2018) destaca que pacientes que recebem acolhimento não apenas em suas necessidades emocionais, mas também em suas demandas espirituais, apresentam maior capacidade de ressignificar o processo de morte. Esse acolhimento contribui para a diminuição da ansiedade, facilita a elaboração do luto antecipatório e favorece a vivência de uma morte mais digna e menos dolorosa.

Constata-se, portanto, que a incorporação da espiritualidade na prática da psicologia hospitalar não deve ser vista como uma escolha, mas sim como uma exigência ética e prática no cuidado ao paciente em fase terminal. O conceito de cuidado integral, amplamente defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), implica a consideração atenta das dimensões física, psicológica, social e espiritual do indivíduo, especialmente em momentos de vulnerabilidade existencial intensa, como no processo de morrer.

Por fim, a análise dos resultados evidencia que, apesar dos avanços relevantes na produção científica acerca do tema, ainda há demanda por novas pesquisas e por investimentos direcionados à capacitação dos psicólogos que atuam em ambiente hospitalar. Esses esforços são fundamentais para que a espiritualidade deixe de ser um aspecto marginalizado e passe a ser efetivamente incorporada como elemento essencial na promoção da saúde, do bem-estar e da dignidade no processo de final de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito refletir sobre a atuação da psicologia hospitalar no contexto da terminalidade, destacando a espiritualidade como componente fundamental do cuidado integral ao paciente. A partir da análise teórica e dos estudos científicos apresentados nos resultados, constatou-se que a espiritualidade, quando abordada com respeito e ética, exerce papel crucial no enfrentamento da finitude, promovendo conforto emocional, ressignificação do sofrimento e dignidade durante o processo de morrer.

Tornou-se evidente que a espiritualidade não pode ser reduzida à religiosidade, devendo ser entendida como uma dimensão subjetiva da experiência humana, ligada à busca por sentido, conexão, transcendência e esperança. Essa dimensão, frequentemente negligenciada no contexto hospitalar, torna-se particularmente relevante na fase terminal, quando o sofrimento físico está estreitamente associado a angústias existenciais profundas.

A psicologia hospitalar, como campo dedicado ao cuidado do sofrimento humano no ambiente da saúde, desempenha um papel essencial ao proporcionar uma escuta qualificada das necessidades espirituais dos pacientes. Contudo, os estudos analisados indicam que persistem desafios relevantes para a efetivação dessa prática, entre os quais se destacam a carência de formação específica, a ausência de protocolos institucionais bem definidos e a insegurança dos profissionais ao lidar com questões espirituais junto aos pacientes.

Outro aspecto relevante evidenciado foi a importância da comunicação e da articulação entre os profissionais da equipe multiprofissional, garantindo que a espiritualidade seja abordada de forma integrada, evitando tratamentos fragmentados. Um cuidado sensível, empático e aberto à escuta espiritual beneficia não apenas o paciente, mas também seus familiares e os próprios profissionais, contribuindo para a promoção de uma cultura de humanização nos serviços de saúde.

Diante dos resultados analisados, conclui-se que a intervenção psicológica em contextos de terminalidade exerce um papel fundamental na promoção do cuidado integral ao paciente e seus familiares, proporcionando suporte emocional, existencial e espiritual durante o processo de morrer. A atuação do psicólogo hospitalar, pautada na escuta qualificada, na empatia e na compreensão da singularidade de cada vivência, contribui significativamente para a ressignificação da morte, favorecendo a aceitação da finitude com maior dignidade, serenidade e sentido. Além disso,

constatou-se que a integração de aspectos espirituais à prática clínica, quando conduzida de forma ética e respeitosa, amplia o alcance do cuidado, acolhendo demandas subjetivas profundas que emergem nesse período crítico. Dessa forma, o psicólogo não apenas oferece suporte ao paciente, mas também atua junto aos familiares, auxiliando-os na elaboração do luto antecipado e no enfrentamento das perdas, consolidando uma abordagem humanizada e multidimensional no cenário hospitalar.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Beatriz Fonseca; SILVA, Jéssica Plácido. Psicologia, espiritualidade/religiosidade e cuidados paliativos: uma revisão integrativa. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 10, n. 1, p. 158–167, mar. 2021. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v10i1.2964
- ALMEIDA, Fernanda S. Competências emocionais e éticas na psicologia do cuidado humanizado. *Revista Brasileira de Psicologia Clínica*, v. 19, n. 4, p. 85-95, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2175-3549.2021.0194.0085>. Acesso em: 20 maio 2025.
- AMARAL, L. F.; SILVA, R. A. Ética e terminalidade da vida: desafios para o cuidado multidisciplinar. *Revista Bioética*, v. 30, n. 2, p. 389-398, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422022302221>. Acesso em: 20 maio 2025.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. *Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct*, 2017.
- ARIÈS, Philippe. *A morte na cultura ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- ARRIEIRA, Isabel Cristina de Oliveira et al. Espiritualidade nos cuidados paliativos: experiência vivida de uma equipe interdisciplinar. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, e03312, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/rRzH3886NYD5SThYX3pdLfR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2025.
- BACK, Anthony L. et al. Effective communication in end-of-life care. *Journal of Clinical Oncology*, v. 37, n. 12, p. 1047-1053, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1200/JCO.18.01910>. Acesso em: 20 maio 2025.
- BALBONI, Tracy A. et al. Spirituality and the care of patients at the end of life: a systematic review. *Journal of Palliative Medicine*, v. 23, n. 2, p. 256-267, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/jpm.2019.0427>. Acesso em: 20 maio 2025.
- BARBOSA, Roberta Maria de Melo; FERREIRA, Juliana Laís Pinto; MELO, Mônica Cristina Batista de; COSTA, Juliana Monteiro. A espiritualidade como estratégia de enfrentamento para familiares de pacientes adultos em cuidados paliativos. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, v. 20, n. 1, p. 165–182, 2017. DOI: 10.57167/Rev-SBPH.20.237.
- BATISTA, Henrique Shody Hono. *Práticas psicológicas, terminalidade e fim de vida: uma compreensão existencial da experiência de psicólogos*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

BENITES, Andrea Carolina; RODIN, Gary; DE OLIVEIRA-CARDOSO, Érika Arantes; DOS SANTOS, Manoel Antônio. "You begin to give more value in life, in minutes, in seconds": spiritual and existential experiences of family caregivers of patients with advanced cancer receiving end-of-life care in Brazil. *Supportive Care in Cancer*, v. 30, n. 3, p. 2631–2638, 2022.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia (CFP). Resolução nº 13, de 14 de setembro de 2007. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 set. 2007. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao\\_CFP\\_nx\\_013-2007.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf). Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização: Acolhimento nas práticas de produção de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Acolhimento\\_em\\_Sa%C3%BAde](https://pt.wikipedia.org/wiki/Acolhimento_em_Sa%C3%BAde). Acesso em: 20 maio 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 abr. 2016. Seção 1, p. 44. Disponível em:

BRITISH PSYCHOLOGICAL SOCIETY. Code of Ethics and Conduct, 2018.

CABRAL, Ana Cristina Lima. A atuação do psicólogo hospitalar: fundamentos e interfaces. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 3, n. 5, 2003. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/atuacao-dopsicologo>. Acesso em: 20 maio 2025.

CAMPOS, V. F. et al. Comunicação em cuidados paliativos: equipe, paciente e família. *Revista Bioética*, v. 27, n. 4, p. 711–804, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/v9HwSfW8gLGNZHWqfmtcZKf/>. Acesso em: 06 maio 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Resolução CFP nº 010/2005, atualizada em 2018

CORR, Charles A. Stages of dying revisited. *Death Studies*, v. 42, n. 3, p. 150-160, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07481187.2017.1333992>. Acesso em: 20 maio 2025.

COSTA, Juliana R. Consentimento livre e esclarecido na psicologia clínica: aspectos éticos e legais. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2022.

DELAGADO, Paula; SIQUEIRA, Ana. Espiritualidade na prática clínica: interfaces e perspectivas. *Revista Brasileira de Psicologia da Saúde*, v. 13, n. 2, p. 89-101, 2021.

Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2175-3549.20210010>. Acesso em: 20 maio 2025.

ELIAS, Ana Catarina de Araújo; GIGLIO, Joel Sanes. A questão da espiritualidade na realidade hospitalar: o psicólogo e a dimensão espiritual do paciente. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais*, v. 2, n. 2, p. 1–12, 2016.

ELIAS, Ana Catarina de Araújo; GOLDIM, José Roberto. A questão da espiritualidade na realidade hospitalar: o psicólogo e a dimensão espiritual do paciente. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 23–32, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Sr3HnwSCBC3npSYnJVsrNbx/>. Acesso em: 12 maio 2025

EUROPEAN COMMISSION. General Data Protection Regulation (GDPR), 2018.

FERREIRA, Lucas T. Interdisciplinaridade e cuidado humanizado: desafios contemporâneos. *Revista Interdisciplinar de Saúde*, v. 10, n. 3, p. 60-72, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ris.v10i3.2023.5678>. Acesso em: 20 maio 2025.

GOMES DE OLIVEIRA NETO, J. A espiritualidade no contexto hospitalar: um olhar psicológico. *Estudos Avançados Sobre Saúde e Natureza*, v. 8, p. 1–10, 2022. Disponível em: <https://www.periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/947>. Acesso em: 12 maio 2025.

GROTHER, Victoria Luzia Antunes; SILVA, Juliani Aparecida Da; MENDES, Natasha Fernanda; FONSECA, Leandro Limoni de Campos. A psicologia e os cuidados paliativos no contato com a espiritualidade: uma revisão integrativa. *Revista Saúde em Foco*, Edição nº 14, Ano: 2022. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br>. Acesso em: 02 maio 2025.

HEFTI, René. Integrando Espiritualidade no Cuidado com a Saúde Mental, Psiquiatria e Psicoterapia (tradução). *Interação em Psicologia*, Curitiba, Paraná, Brasil, v. 23, n. 2, 2019. DOI: 10.5380/psi.v23i02.68486. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/68486>. Acesso em: 30 maio. 2025.

<https://blog.portaleducacao.com.br/psicologia-hospitalar-atuacao-do-psicologo-emequipe-multidisciplinar>. Acesso em: 20 maio 2025.

HUDSON, Pamela et al. Psychological care in palliative settings: a systematic review. *Palliative Medicine*, v. 35, n. 8, p. 1431-1442, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/02692163211008734>. Acesso em: 20 maio 2025.

KO, E. et al. Spirituality and holistic health care: integrating the dimension of meaning. *Journal of Holistic Nursing*, v. 41, n. 1, p. 22-32, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08980101221112415>. Acesso em: 20 maio 2025.

KOENIG, Harold G. Religion, spirituality, and health: a review and update. *Advances in Mind-Body Medicine*, v. 34, n. 3, p. 19-26, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32495388/>. Acesso em: 20 maio 2025.

- KÜBLER-ROSS Foundation. Ethical guidelines on end-of-life care, 2020.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 2014.
- LIMA, Suelen D. R.; SILVA, Luciana M. C.; SOUZA, Mariana G. Estresse e ansiedade: uma abordagem da psicologia hospitalar. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 6, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/estresse-e-ansiedade>. Acesso em: 20 maio 2025.
- LOPES, Ana C.; MOREIRA, Daniela S. Psicologia e espiritualidade na terminalidade da vida: intervenções e perspectivas. Revista de Psicologia da Saúde, v. 14, n. 1, p. 45-57, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15332/2237-6173.2021.014.0045>. Acesso em: 20 maio 2025.
- LUCCHETTI, Giancarlo; LUCCHETTI, Bruna M. Espiritualidade e saúde: uma nova fronteira da medicina. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 2014.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MATOS, J. B.; FERREIRA, M. L. Psicologia e cuidados paliativos: abordagens terapêuticas na terminalidade da vida. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 40, n. 3, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000492020>. Acesso em: 20 maio 2025.
- MENDES, Fernanda S. et al. A psicologia e a espiritualidade nos cuidados paliativos: uma revisão integrativa. Revista de Psicologia da Saúde, v. 15, n. 1, p. 75-89, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2175-3549.20210007>. Acesso em: 20 maio 2025.
- MENDES, Larissa Teixeira; ANDRADE, Ana Maria Mattos de. A influência da espiritualidade diante da terminalidade e da morte no trabalho cotidiano em saúde. Cadernos de Psicologia – CESJF, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 301-318, jun. 2019.
- MORAES, Beatriz C. et al. Influência do cuidado humanizado na qualidade dos serviços de saúde. Revista de Saúde Pública, v. 56, p. 23-31, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102022000100023>. Acesso em: 20 maio 2025.
- MORAES, L. M. C. B. et al. Benefícios de uma boa comunicação na equipe interdisciplinar em cuidados paliativos: revisão integrativa. Open Science Research III, 2022. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220308459.pdf>. Acesso em: 02 março 2025.

MOURA, Ana Paula Silva de. O papel do tratamento psicológico associado aos cuidados paliativos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade de Juazeiro do Norte, Juazeiro do Norte, 2021. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1521.pdf>. Acesso em: 29 maio 2025.

OLIVEIRA, João P. A escuta terapêutica na promoção do cuidado humanizado. *Cadernos de Psicologia Aplicada*, v. 17, n. 2, p. 75-84, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/cpa.v17n2.2022.0987>. Acesso em: 20 maio 2025.

OLIVEIRA, Lucas F.; MARTINS, Renata P. Ética e espiritualidade na psicologia da terminalidade: fundamentos para a prática clínica. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 35, n. 2, p. 175-188, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31800/rbp.v35n2.2023.1289>. Acesso em: 20 maio 2025.

OLIVEIRA, Lucas F.; PEREIRA, Mariana T. Ética e tomada de decisão na psicologia com pacientes terminais. *Revista de Psicologia e Saúde*, 2023.

OLIVEIRA, R. S.; SANTOS, M. P.; ALMEIDA, T. F. Comunicação multidisciplinar e suporte emocional em cuidados paliativos. *Revista de Psicologia da Saúde*, v. 12, n. 3, p. 89-98, 2020

OLIVEIRA, T. F. et al. Suporte familiar e comunitário na terminalidade da vida: perspectivas para a intervenção psicológica. *Psicologia em Pesquisa*, v. 17, n. 2, p. 232-243, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24879/psp.v17i2.12345>. Acesso em: 20 maio 2025.

PEREIRA, A. S.; CAMPOS, M. M. Psicologia e cuidados paliativos: contribuição para a qualidade de vida na terminalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 11, n. 1, p. 110-120, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.4576>. Acesso em: 20 maio 2025.

PUCHALSKI, Christina M. et al. Integrating spirituality into health care: a new dimension of caring. *The Lancet*, v. 393, n. 10171, p. 2007-2019, 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(19\)30547-1](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(19)30547-1). Acesso em: 20 maio 2025.

SAMPAIO, Rochelly da Silva; MANCINI, Patricia Ceccon. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 4, p. e6132, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e6132.2021>.

SANTOS, Carla M.; LIMA, Roberto F. Ética e autonomia no cuidado humanizado: o papel do psicólogo. *Revista de Psicologia Clínica*, v. 29, n. 1, p. 105-118, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rpc.v29n1.2020.0110>. Acesso em: 20 maio 2025.

SANTOS, F.; OLIVEIRA, M. Comunicação e empatia no cuidado centrado no paciente. *Cuadernos de Educación*, v. 22, n. 3, p. 45-58, 2022. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/6402>. Acesso em: 29 maio 2025

SANTOS, Mariana P. et al. A espiritualidade no processo de luto: contribuições para o cuidado psicológico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 30, e3440, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5389.3440>. Acesso em: 20 maio 2025.

SAUNDERS, Cicely. Hospice care and the problem of pain. *Hospital Update*, v. 17, n. 7, p. 495-502, 1991.

SEIDL, Eliane M. F.; COSTA, Juliana R. M. A psicologia hospitalar e a formação do psicólogo: desafios e perspectivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 195-202, maio/ago. 1999. Disponível em: <https://portal.afya.com.br/carreira/entenda-o-papel-da-equipe-interprofissional-e-apsicologia-hospitalar>. Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, A. A. A.; ARRAIS, A. R. A comunicação do enfermeiro de cuidados paliativos com pacientes em fase terminal: uma revisão integrativa. *Revista de Enfermagem da UERJ*, v. 27, e45135, 2019. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/21815/19360/261873>. Acesso em: 03 abril 2025.

SILVA, Mariana et al. Desafios e possibilidades da abordagem espiritual na prática clínica: uma revisão integrativa. *Revista Psicologia em Estudo*, v. 27, e54567, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.54567>. Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, Marta R. O cuidado humanizado na saúde: perspectivas e desafios para a psicologia. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 36, n. 1, p. 40-52, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31800/rbp.v36n1.2021.1234>. Acesso em: 20 maio 2025.

SOARES, Lara Carolina dos Reis; MACHADO, Ana Cláudia Almeida. A psicologia hospitalar na terminalidade da vida: um estudo de revisão. *Revista Psicologia e Saúde em Debate*, v. 9, n. 1, p. 456-473, jun. 2023. DOI: 10.22289/2446-

SOUZA, D. L.; LOPES, A. C. Comunicação no cuidado paliativo: reflexões sobre a integralidade e a espiritualidade no processo de terminalidade. *Revista Psicologia, Saúde & Debates*, v. 7, n. 2, p. 120–130, 2021.

SOUZA, Deise Coelho; SOUZA, Landerlei Andrad; SLOMP, Marina Santos. A religiosidade/espiritualidade no contexto hospitalar: reflexões e dilemas a partir da prática profissional. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, v. 28, n. 1, p. 55–62, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/muda/v28n1/v28n1a08.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025

SOUZA, M. F.; SILVA, R. M. Terminalidade da vida e cuidados paliativos: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, v. 13, n. 1, p. 45-57, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-047X2021v13n1>. Acesso em: 20 maio 2025.

TONETTO, Suélen S.; GOMES, Juliane D. Psicologia hospitalar: atuação do psicólogo em equipe multidisciplinar. *Blog Portal Educação*, 2007. Disponível em:

922X.V9N1A30. Disponível em: <https://psicologiaesaudeemdebate.com.br>. Acesso em: 01 maio 2025.